

SÃO MATEUS

Falta de madeira fecha serrarias

Sem madeira para trabalhar, a maioria das serrarias de São Mateus estão fechando e mandando seus empregados embora. Os empresários dizem que as matas da região foram destruídas e as árvores substituídas por eucaliptos de grandes reflorestadoras ou por lavouras de subsistência.

O ex-prefeito Gualter Loureiro se diz aborrecido por causa do prejuízo ecológico, mas assegura que economicamente nada se perdeu, ao contrário, somente uma empresa arrecada mensalmente de Cr\$ 8 milhões a Cr\$ 10 milhões em ICM.

— Madeira aqui? Não existe mais, acabaram com tudo. Até as serrarias estão fechando, não tem mais o que fazer. Só sobrou caopeira de mato ralo, sem valor nenhum.

Cabelos brancos, olhar parado, sem camisa, Antônio Pires de Aguiar, 56 anos 30 de anos dedicados ao transporte de madeira na região de São Mateus, no norte do Espírito Santo, passa a maior parte do tempo nos bares, o velho caminhão Mercedes Benz encostado. Trabalho só aparece raramente, assim mesmo uma mudança pequena de uma rua para outra.

— Me considero um dos últimos no ramo. O pessoal acabou com tudo, comeu a carne e não quis roer os ossos. Fiquei porque não tenho para onde ir, senão tinha me largado no mundo também. É uma tristeza, porque em outras épocas isso aqui era um movimento grande, a madeira dominava toda a região.

FIM DA FLORESTA

As grandes matas que dominavam os 3.077 quilômetros quadrados do município de São Mateus, permitindo um movimento constante de derrubada, beneficiamento e transporte de madeira, desapareceram por completo, engolidas pelas plantações de milho, feijão, arroz, pimenta do reino e mandioca ou pelos milhões de pés de eucalipto que foram plantados na década passada pelas grandes reflorestadoras.

Com o fim da floresta, veio a falta de madeira e um pequeno passo depois a crise das empresas que atuavam no ramo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — chegou a registrar 80 firmas dedicadas a exploração direta ou indireta da madeira, mas no ano passado reduziu o seu número para 39. Mesmo assim, somente 18 fecharam o ano de 1980 em funcionamento.

— Todas as outras foram extintas ou não atingiram o percentual de Cr\$ 1,3 milhão de faturamento durante o decorrer do ano de 1980 — explica Zilda Renok Be llumat, funcionária do

que é um dos maiores do Estado, está tomado por grandes plantações de eucaliptos. Por causa disso, restringiu-se muito a produção natural de madeira, com uma conseqüente crise para todo o setor dependente”.

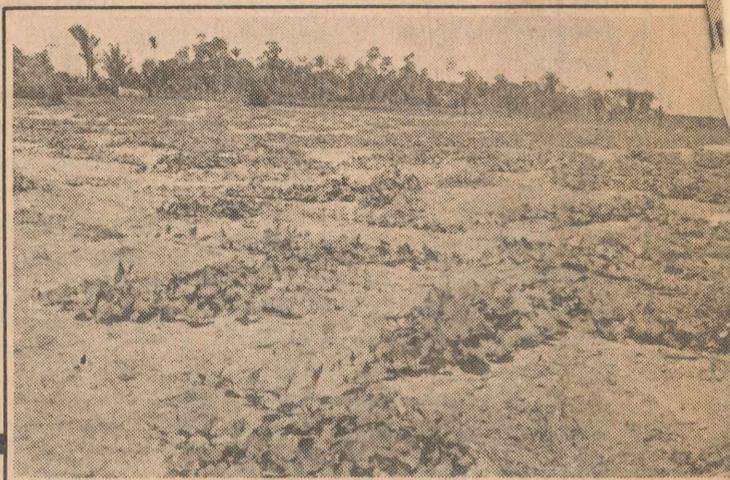
Os resultados foram quase sempre desastrosos. A cidade, que sempre teve uma população estável e auto-suficiente, foi abalada de repente pela presença de centenas de famílias indigentes, sem recursos e sem empregos para manter-se. Surgiram as primeiras favelas e os problemas sociais se multiplicaram. “Muita gente que vendeu terras voltou para a mesma região e foi trabalhar como peão dos compradores” — diz o ex-prefeito.

Ao mesmo tempo, sem ter qualquer interesse pela madeira retirada pela força de grandes tratores que puxavam correntes — o mesmo processo usado na Amazônia — os novos proprietários limitaram-se a provocar grandes queimadas, a pretexto de que seria mais econômico queimar troncos, raízes e galhos do que arrastá-los e vendê-los para as empresas que atuavam no ramo madeireiro.

— Perdeu-se muita madeira boa, de lei. Foi uma tristeza — recorda Darci Golieto, ex-dono de uma serraria em São Mateus — os homens só se preocupavam em tirar mogno, cerejeira e jacarandá. O resto, fosse bom ou fosse ruim, ficava no meio do mato, destruído, jogado fora.

MENOS MAL

As plantações de eucalipto, ao contrário do que muitos pensam, oferecem alguns benefícios para os municípios. Gualter Loureiro, por exemplo, reconhece que “se não fosse o fato de as reflorestadoras trabalharem com empreiteiras um pouco desonestas, que deixam de cumprir as suas obrigações sociais com os empregados, nada poderia ser dito contra elas”, enfatizando que somente o em-



Com o fim da floresta veio a falta de madeira e a crise das empresas do setor; a ecologia, como sempre, foi a grande vítima da devastação.

FIM DA FLORESTA

As grandes matas que dominavam os 3.077 quilômetros quadrados do município de São Mateus, permitindo um movimento constante de derrubada, beneficiamento e transporte de madeira, desapareceram por completo, engolidas pelas plantações de milho, feijão, arroz, pimenta do reino e mandioca ou pelos milhões de pés de eucalipto que foram plantados na década passada pelas grandes reflorestadoras.

Com o fim da floresta, veio a falta de madeira e um pequeno passo depois a crise das empresas que atuavam no ramo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE — chegou a registrar 80 firmas dedicadas a exploração direta ou indireta da madeira, mas no ano passado reduziu o seu número para 39. Mesmo assim, somente 18 fecharam o ano de 1980 em funcionamento.

— Todas as outras foram extintas ou não atingiram o percentual de Cr\$ 1,3 milhão de faturamento durante o decorrer do ano de 1980 — explica Zilda Renok Bellumat, funcionária do escritório do IBGE em São Mateus.

As perspectivas para este ano são ainda mais sombrias. Os empresários dedicados ao ramo não gostam de tocar no assunto, mas unanimemente acham que “a coisa vai de mal a pior”. Sem ter aonde tirar mais madeira, eles se limitam a comprar o que aparece, geralmente vindo do sul da Bahia — sempre a preços muito elevados e com qualidade apenas razoável.

— O empresário ligado ao ramo madeireiro está na expectativa. Ele não tem muita esperança de sair da crise, mas mesmo assim insiste. Se você ou qualquer pessoa me perguntar porque, eu garanto que não sei responder. É burrice? É timosia? É falta de opção? Não sei, garanto quem não sei — comenta Vicente Piglio, que procura comprador, há seis meses, para uma pequena serraria.

EUCALIPTOS

Na opinião do ex-prefeito Gualter Loureiro — ele entregou o cargo no dia 31 de janeiro, por discordar das prerrogativas de mandatos sem a anuência popular — “mais de um terço da área do município de São Mateus,

puxavam correntes — o mesmo processo usado na Amazônia — os novos proprietários limitaram-se a provocar grandes queimadas, a pretexto de que seria mais econômico queimar troncos, raízes e galhos do que arrastá-los e vendê-los para as empresas que atuavam no ramo madeireiro.

— Perdeu-se muita madeira boa, de lei. Foi uma tristeza — recorda Darci Golieto, ex-dono de uma serraria em São Mateus — os homens só se preocupavam em tirar mogno, cerejeira e jacarandá. O resto, fosse bom ou fosse ruim, ficava no meio do mato, destruído, jogado fora.

MENOS MAL

As plantações de eucalipto, ao contrário do que muitos pensam, oferecem alguns benefícios para os municípios. Gualter Loureiro, por exemplo, reconhece que “se não fosse o fato de as reflorestadoras trabalharem com empreiteiras um pouco desonestas, que deixam de cumprir as suas obrigações sociais com os empregados, nada poderia ser dito contra elas”, enfatizando que somente o emprego oferecido ao homem do campo já é uma grande ajuda.

— Podemos dizer que não existem desempregados no município — afirma o ex-prefeito — e isso porque as reflorestadoras absorvem toda a mão-de-obra disponível. É a vantagem que temos. Pena que paguem somente o salário mínimo, deixando as rendas maiores para os intermediários, que na verdade pouco produzem.

Mesmo em termos reais, o município pouco perde. Somente uma reflorestadora, a Floresta Rio Doce, arrecada entre Cr\$ 8 milhões e Cr\$ 10 milhões todos os meses de ICM — Imposto de Circulação de Mercadorias — o que representa uma importância maior do que a conseguida na época em que São Mateus era um dos maiores produtores de madeira de lei da região, logo depois de Linhares.

As reflorestadoras começaram a chegar na região entre 1970 e 1974, comprando terras sempre a preços baixos, porque na época não havia valorização nenhuma. Derrubaram as matas, queimaram a madeira e iniciaram o plantio de eucaliptos, utilizando centenas de homens e mulheres



Com o fim da floresta veio a falta de madeira e a crise das empresas do setor; a ecologia, como sempre, foi a grande vítima da devastação.

que vinham de pontos distantes, atraídos pelos boatos de que teriam ganhos altos e chances de progresso.

ECOLOGIA SOFRE

Mas, se de um lado a economia dos municípios nada sofreu, havendo apenas a crise nas empresas que atuavam no ramo madeireiro, de outro a ecologia foi a grande vítima. “É verdade que o que se estragou de madeira aqui dava para se trabalhar durante cinco anos, tranquilamente — lembra Gualter Loureiro — porque eles fizeram uma devastação em regra das matas, destruindo tudo, mas a flora e a fauna foram ainda mais prejudicados”.

Na prática, o que aconteceu foi a fuga em massa de praticamente todos os animais silvestres das redondezas e a destruição de centenas de espécimes diferentes e importantes da flora local. Corrêgo, como o do distrito de Itauninhas, passaram a secar no período de estiagem maior, entre agosto e novembro e o assoreamento dos rios tornou-se visível, com a obstrução dos canais e as enchentes cada vez mais dramáticas.

Sorriso contrafeito,

Antônio Pires de Aguiar desliga o motor barulhento do velho Mercedes, respira fundo e tenta explicar com calma: “Olha, não adianta falar porque tudo isso já passou e águas passadas não movem moinho. Mas, se é para dizer a verdade, eu quero dizer mesmo: cometeram um grande crime nesse município, deixaram acabar com a única riqueza verdadeira que ele tinha. E em troca de quê? De uns pés de eucaliptos que destroem tudo que existe em sua volta? Foi uma injustiça”.

Agora, como as possibilidades de recuperação não existem mais, já que ninguém se interessa mais pela madeira como antes, surge uma nova preocupação. As 18 empresas que ainda operam no ramo, sem matéria-prima local, não vão ter condições de concorrer com outras de municípios da Bahia e pretendem fechar ou se transferir. “Gente já foi até para Rondônia” — diz um empresário. O mal é que cada uma que fecha manda embora um bom número de empregados que se transformam, mais dia menos dia, em trabalhadores das reflorestadoras, pescadores ou, o que é pior, marginais.

Daniel Lopes